

## **“É BARRIL”<sup>1</sup>: EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS GRUPOS CRIMINOSOS ARMADOS NA BAHIA**

Odilza Lines de Almeida<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo se propõe a compreender o processo de evolução e consolidação dos grupos criminosos armados na Bahia, e discutir como este fenômeno se relaciona com a violência vivenciada pela população, especialmente, da sua capital, Salvador. A pesquisa foi realizada através de metodologia qualitativa utilizando triangulação de fontes e dados que foram construídos por meio de entrevistas com membros de grupos criminosos, funcionários e operadores do sistema de controle social e moradores de áreas periféricas. Além disso, foram analisados vídeos em redes sociais, no YouTube e notícias em jornais estaduais e nacionais abrangendo o período de 2009 a 2023. Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo para categorização e discussão dos dados, com suporte do software QDA Miner4 Lite. Conclui-se que os conflitos gerados pela disputa de territórios entre grupos criminosos armados, o uso da violência como forma de dominação e demonstração de poder, além da resposta bélica das forças de segurança, alimentam as taxas de mortes violentas, tanto na capital quanto no interior da Bahia. Destaca-se, ainda, que o sistema prisional desempenha um papel fundamental na formação e fortalecimento dos grupos criminosos e que a estratégia de transferências de líderes para prisões federais resultou no fortalecimento das redes criminais e dividiu a Bahia e o país em dois bordões: Tudo 2 ou Tudo 3.

Palavras-chave: facções criminosas, organizações criminosas, violência

### **ABSTRACT**

This article aims to understand the process of evolution and consolidation of armed criminal groups in Bahia, and discuss how this phenomenon relates to the violence experienced by the population, especially in its capital, Salvador. The research was conducted using a qualitative

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada pelos baianos para se referir a uma situação complicada, difícil ou perigosa.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Sociologia (UFBA), Doutora em Saúde Pública (UFBA), Mestre em Psicologia (UFBA), Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania, e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prisões, Violência e Direitos Humanos/UESB/CNPQ.

methodology, employing source triangulation and data collected through interviews with members of criminal groups, as well as employees and operators of the social control system, and residents of peripheral areas. Additionally, videos on social media platforms, YouTube, and news articles in state and national newspapers from 2009 to 2023 were analyzed. Content analysis techniques were utilized for data categorization and discussion, with the support of QDA Miner4 Lite software. It is concluded that conflicts arising from territorial disputes among armed criminal groups, the use of violence as a means of domination and power demonstration, and the military response from security forces contribute to high rates of violent deaths in both the capital and the interior of Bahia. Furthermore, it is highlighted that the prison system plays a pivotal role in the formation and strengthening of these criminal groups, and the strategy of transferring leaders to federal prisons has resulted in the reinforcement of criminal networks and a division of Bahia and the country into two slogans: "Tudo 2" or "Tudo 3."

**Keywords:** Criminal factions, criminal organizations, violence

## 1. Introdução

Inverno de 2023. Na idílica praia do Farol da Barra um homem é encontrado morto dentro de uma caixa de isopor. Algum tempo depois, um corpo de homem foi encontrado boiando na região do Terminal Marítimo, nas proximidades do Mercado Modelo e do Elevador Lacerda, pontos turísticos da capital baiana. Cenas de tiroteios e assassinatos à luz do dia já eram comuns nos bairros periféricos da capital, mas, há alguns meses, bairros turísticos e/ou de classe média vem se tornando o que os criminólogos chamam de *hot spots*, isto é, áreas com grande concentração de crimes, e desde então, a violência tem sido visibilizada e discutida amplamente na capital baiana.

O fato é que a Bahia tem enfrentado altas taxas de violência nos últimos anos, culminando em uma posição de destaque no ranking de estados brasileiros com o maior número de mortes violentas pelo quinto ano seguido. Em consulta ao Monitor da Violência<sup>3</sup> (<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>), que monitora os dados de homicídio, latrocínio e lesão corporal seguida de morte, encontramos que a taxa de crimes violentos letais e intencionais (CVLI) no Brasil no ano de 2022 foi de 19,1 por

---

<sup>3</sup> <http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/>, acessado em 13/05/2023.

100 mil habitantes e o da Bahia, 34,2, sendo o estado que registrou maior quantidade de mortes violentas, em números absolutos, pelo quinto ano seguido, se computarmos os dados do primeiro semestre de 2023. Quando analisamos as taxas de Mortes Violentas Intencionais (MVI), que corresponde à soma das vítimas de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais em serviço e fora dele, o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (dados de 2022) informa que a taxa foi de 47,1 por 100 mil habitantes, e a taxa do Brasil, 23,3. Analisando a série histórica, os dados apontam para leve queda (-5,9) da taxa de MVI, mas com aumento das mortes em operações policiais, sendo a polícia baiana a mais letal do país (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023). Sobre esses dados, o atual governador do estado afirmou: “O que a gente vê nas ações é, claramente, uma disputa de corporações criminosas. Eles têm inteligência, e a polícia não vai ficar refém disso. O estado da Bahia não vai ficar refém”<sup>4</sup>.

O cálculo da taxa de MVI é alvo de crítica do governo baiano, segundo nota da Secretaria de Segurança Pública (SSP) divulgada nos jornais locais e nacionais<sup>5</sup>:

A SSP destaca ainda que não coloca o homicídio, latrocínio ou lesão dolosa seguida de morte praticado contra um inocente, na mesma contagem dos homicidas, traficantes, estupradores, assaltantes, entre outros criminosos, mortos em confrontos durante ações policiais.

As explicações dos representantes do governo estadual apresentam alguns equívocos. Primeiro, a SSP justifica a matança pelo fato de as vítimas estarem envolvidas em crimes, o que se apresenta como uma política de vingança e ilegal. Estes indivíduos podem ser classificados, segundo Agamben (2002) de “vidas nuas”, isto é, são pessoas descartáveis que podem ser exterminadas sem que isto gere responsabilização ou comoção. Segundo, atribui as mortes à “disputa de corporações criminosas”, apenas, e não aponta as demais causas, como a ineficaz política de guerra às drogas (que se transforma em guerra contra pessoas pobres e periféricas); o despreparo da polícia nas abordagens contra a população pobre, periférica e negra; a falta de confiança nas instituições de segurança; as desigualdades sociais; a

---

<sup>4</sup> <https://www.ibahia.com/bahia/a-bahia-nao-vai-ficar-refem-diz-governador-sobre-dados-do-monitor-da-violencia-301834>

<sup>5</sup> <https://www.estadao.com.br/brasil/bahia-diz-que-mortos-pela-policia-sao-homicidas-e-estupradores-estado-tem-2-maior-taxa-do-pais/>

ineficiente proteção das fronteiras para o efetivo controle de entrada de armas e drogas, dentre outras.

Esclarecemos que o termo “guerra” é amplamente criticado por movimentos sociais e organizações de direitos humanos. Leite (2014) critica a “metáfora de guerra” e utiliza as metáforas de “massacre” ou “genocídio”. Flusberg, Matlock e Thibodeau (2018), em um estudo de caso, concluíram que as metáforas de guerra são onipresentes no discurso político por, dentre outros aspectos, exprimir um tom emocional urgente e geram resultados positivos ou negativos a depender da situação. No caso da segurança pública, a utilização desta metáfora se constitui como uma carta branca para matar o “inimigo”. E este é o tom também das campanhas publicitárias do Governo do Estado ao mostrar policiais com rifles em punho entrando nas comunidades ou colocando o tráfico como o inimigo a ser combatido. Nesta “guerra” vidas de civis e policiais são perdidas diuturnamente.

Diante deste cenário, este trabalho se propõe a compreender o processo de evolução e consolidação dos grupos criminosos armados e discutir como este fenômeno se relaciona com a violência registrada na Bahia, especialmente na capital baiana, cientes de que a violência urbana é um fenômeno amplo, também perpetrado por agentes do estado e alimentado pelas políticas de segurança pública. Começamos discutindo o conceito de “crime organizado” e apresentando a terminologia utilizada neste texto.

## **2. Sobre “crime organizado”**

Desde o século XIX, o termo ‘crime organizado’ tem sido utilizado pelos americanos e britânicos para se referirem, a grosso modo, a delitos cometidos em associação de pessoas, tanto no domínio político quanto em referência aos crimes convencionais. Mais recentemente, o termo foi utilizado em conexão com a máfia italiana, sendo, até hoje, utilizado para designar atividades criminosas sistematizadas em escala comercial. Cressey (apud Von Lampe, 2003; Kleemans in Paoli, 2014), em meados da década passada, disseminou o modelo - muito difundido - de uma estrutura hierárquica, com diferentes níveis de autoridade e com funções definidas, conhecido como modelo burocrático.

Diversas críticas têm sido feitas ao uso da terminologia “crime organizado” e destacamos aqui as duas mais recorrentes: a) o termo contém forte conteúdo

ideológico – que justifica ações discricionárias das instâncias de controle social - e b) aglutina grupos e organizações diversas que, embora, em sua maioria, tenham como objetivo final o poder - seja político ou econômico através do envolvimento em atividades ilícitas -, apresentam dinâmicas e processos bastante distintos tais como máfia, comando, milícias, facções, gangues prisionais e uma variedade de delitos como de colarinho branco, roubo de carga, assalto a banco, grupos de extermínio, tráfico de armas, dentre outros. (Maltz, 1976; Dias, 2013; Misse, 2007; Oliveira, 2012; Von Lampe e Johansen, 2004 apud Oliveira e Zaverucha, 2012; Lourenço e Almeida, 2013; Duarte, 2019).

Dessa forma, assumimos neste trabalho a terminologia “grupos criminosos armados” que consideramos menos sujeita a estereótipos e com potencial para abarcar grande parte das questões e aspectos que envolvem os diversos grupos, suas estruturas, atividades, origens e peculiaridades, embora, como apontamos, não resolve as tensões deste campo. Assim, utilizaremos ‘grupo criminoso armado’, alinhando-nos à tendência da literatura internacional, para tratar desses (a) agrupamentos de pessoas em torno de uma ou mais atividade ilegal, (b) com o fim de lucro e/ou controle de territórios dentro e fora da prisão, (c) que se utilizam do clientelismo e da violência armada como recursos de regulação, manutenção e expansão dos seus empreendimentos e (d) com alguma estabilidade temporal. Salientamos, contudo, que os diversos conceitos serão utilizados da forma que forem citados na literatura ou entre os entrevistados, como por exemplo, o termo nativo ‘facção’ que emerge a todo momento no campo e é o preferido pela mídia em geral.

Para alcançar o objetivo proposto, empreendemos uma pesquisa de abordagem qualitativa na qual utilizamos instrumentos diversos para a construção dos dados: entrevistas com integrantes de grupos criminosos, com *staff* do sistema de controle social e com moradores de bairros periféricos; análise de vídeos divulgados em redes sociais e no *youtube* e, ainda, notícias veiculadas em jornais estaduais e nacionais, abrangendo o período de 2009 a 2023. Foram realizadas entrevistas aprofundadas com vinte e oito integrantes de grupos criminosos, que estavam sob custódia no sistema prisional baiano, e dez integrantes do *staff* da segurança pública ou judiciário, no período de 2017 a 2019. Os participantes foram escolhidos a partir das indicações de informantes-chave do *staff*, e pelo papel e funções desempenhadas nos grupos. Os dados foram submetidos à categorização inicial com o auxílio do

software QDA Miner4 Lite e, em seguida, re-categorizados para refinamento e aglutinação de categorias próximas. Seguimos, desse modo, a metodologia de Bardin (1997), posto que as ideias centrais encontradas nas entrevistas, jornais, mensagens e vídeo foram identificadas e do agrupamento dessas ideias, emergiram as categorias empíricas. Todos foram esclarecidos sobre os objetivos do estudo e autorizaram o uso dos dados, desde que garantido o anonimato.

### **3. Das quadrilhas às “facções”: a violência na evolução dos grupos criminosos surgidos nas prisões da capital baiana**

Há cerca de duas décadas assistimos o surgimento, no sistema prisional brasileiro, de grupos criminosos (Amorim, 2006; Porto, 2007; Dias, 2013), mas só há cerca de uma década eles têm sido alvo de atenção pelos governos e forças policiais. No meio policial e na mídia – que os denominam ‘facção’ - é comum a comparação desses grupos com o crime organizado e a consequente busca por padrões rígidos de estrutura, hierarquia e burocracia.

Apresentamos, brevemente, o surgimento e a evolução dos grupos criminosos na Bahia e o manejo da violência neste processo.

#### **3.1 CP, Perna e Caveira**

O primeiro grupo criminoso organizado na Bahia surgiu para conter a excessiva violência dentro do sistema prisional, monopolizando-a, e seus objetivos iniciais não incluíam a territorialização extra muros ou a competição por mercados. Todavia, segundo seus fundadores, quando a possibilidade de incrementar os ganhos financeiros dentro e fora da prisão se apresentaram – especialmente em função da entrada do crack que impulsionou o mercado de drogas no início dos anos 2000<sup>6</sup> -, paulatinamente, as coisas começaram a mudar:

Depois que virou essa coisa toda de facção eu já me encontrava na rua. Eu acho que tudo que começou, da forma que começou, deixa ver como eu falar... Tudo tem influência da droga. Começou a envolver dinheiro. (Vougan, Interno)

Em estudos anteriores, Almeida e Paes-Machado (2013) e Lourenço e Almeida, (2013)<sup>7</sup>, identificaram que as chamadas “facções criminosas” surgiram, na Bahia, no

---

<sup>6</sup> Os relatos informam a presença do crack no mercado baiano no final dos anos 80, mas não era amplamente comercializado. Cf também Lima (2013)

<sup>7</sup> Recomendamos a leitura destes trabalhos para uma compreensão mais detalhada sobre o surgimento dos grupos criminosos na Bahia

início deste século (XXI) e se denominavam Comando da Paz, liderado por Piti, e Grupo de Perna, liderado por Genilson Lima, o Perna, que depois ficou conhecido como Caveira.

Com a morte de Piti, em 2007, numa perseguição policial, Cláudio Campanha assumiu a liderança da CP e, em 2009, foi transferido para uma Unidade Federal, assim como ocorreu com Genilson Lima, que foi transferido em 2008, em decorrência de operações policiais com o objetivo de neutralizar as lideranças desses grupos. Mesmo com a transferência dos líderes, seus grupos ainda mantiveram forte influência dentro e fora das instituições penais por cerca de três anos. A rivalidade persistiu em todas as Unidades Prisionais e, também, na cidade de Salvador que, com o tempo, foi territorializada por esses dois grupos na briga por espaços de comercialização de drogas, o que ampliou a violência extramuros.

Com o primeiro e parte do segundo escalão presos, o terceiro escalão desses grupos começou a guerrear entre si para mostrar aos gerentes quem poderia assumir o negócio. No caso da CP, após a prisão de Campanha, Fagner Sousa da Silva, o Fal, assumiu a liderança do grupo e dos seus negócios, mas teve problemas com dois membros do próprio grupo que mataram um casal do Primeiro Comando da Capital – PCC, que vinha trazendo droga de São Paulo para Salvador, em 2010, dificultando suas relações com o grupo paulista. Um deles, José Roberto dos Santos, uma semana após ser preso, foi encontrado enforcado na Unidade Especial Disciplinar (Lourenço e Almeida, 2013).

Devido a aspectos gerenciais e maior coesão do Comando da Paz, vimos esse grupo prosperar e se expandir nos dois primeiros anos após a transferência de seus líderes, enquanto o Caveira combatia entre si e se enfraquecia, perdendo territórios para o grupo Comando da Paz, que avançou e ficou no alvo de operações policiais. Em consulta a banco de dados do jornal Correio, identificamos que, entre 2009 (depois de vários ataques a ônibus e policiais em represália à transferência de Cláudio Campanha para o sistema federal) e 2013 foram noticiadas várias operações policiais com vistas a desarticulação do grupo CP, e não encontramos nenhuma nota em relação a ações contra o grupo Caveira, apontando para o baixo potencial de ameaça deste grupo às instituições de segurança pública naquele período.

Embora vários integrantes do CP<sup>8</sup> tenham sido presos, o grupo persistia dentro do sistema prisional em pátios exclusivos apenas no Presídio Salvador, onde surgiu, e em Lauro de Freitas; nos demais, seus membros conviviam em pátios compartilhados, mas sem posições de liderança. Fora dos muros prisionais, o CP retomou de forma mais ostensiva suas atividades após a saída da prisão, em 2017, de dois dos seus líderes mais aguerridos, conhecidos como Papa e Kekeu que culminou em ações violentas em um bairro da capital e também de resposta policial ostensiva – mas pouco resolutive - com o fim de sufocar sua tentativa de retomada de territórios:

Na Ladeira da Paz, no Engenho Velho da Federação, o que está instalado é o medo. Com a saída das tropas da Secretaria da Segurança Pública (SSP) do bairro, no último domingo (3), a ladeira, que fica na localidade da Lajinha, vem sendo palco de novas ações e embates entre as facções. Desde segunda-feira (4), integrantes do Comando da Paz (CP), que atuam no Forno, colocaram suas iniciais em casas, estabelecimentos comerciais e até em carros da Ladeira da Paz, área que atualmente está sob o domínio do Bonde do Maluco (BDM). Moradores relatam casos de tiroteios intensos, às vezes mais de uma vez durante o dia. Na noite desta quarta (6), homens ligados ao CP, armados com fuzis, pistolas e metralhadoras, deixaram um morto e dois feridos durante mais uma tentativa de invasão à Lajinha. (Wendel, 17.09.17)

A redução histórica da Caveira e do CP em virtude dos aspectos já mencionados abriram espaço para a irrupção de novos grupos (um deles citado acima) os quais apresentamos a seguir<sup>9</sup>. Mas chama atenção o fato de que, mesmo com tantas ofensivas contrárias, o CP, diferentemente da Caveira, conseguiu manter alguma presença dentro e fora do sistema prisional. Aspectos organizacionais e sentimentos de pertencimento geraram maior coesão no grupo da CP que mantém relações de fidelidade e respeito ao seu líder. O grupo de Perna, contudo, já padecia de certa divisão devido à insistência de Juninho Manassés com a denominação ‘Caveira’, que não era aprovada por Perna. Uma nova ruptura, porém, sufocará os

---

<sup>8</sup> Como veremos adiante, um acordo entre a CP e o Comando Vermelho (CV), possivelmente, modificará este cenário

<sup>9</sup> Em estudo realizado por Fonseca (2021) analisando os dados das pessoas admitidas no Centro de Observação Penal (COP), porta de entrada do sistema prisional em Salvador, 42% autodeclararam pertencer a um grupo criminoso. Destes, 18,8% afirmaram pertencer à CP, segundo maior grupo; 63,4% dos admitidos afirmam pertencer ao BDM. Em terceiro lugar, está a OP (Ordem e Progresso) com 4,6%. O Caveira aparece, junto com outras pequenas facções, com 1,8%.

remanescentes do Caveira, e dará margem à expansão de um novo grupo: o Bonde do Maluco (BDM).

### 3.2 O Bonde do Maluco (BDM)

O BDM, também conhecido por “Tudo 3”, surge a partir de uma dissidência harmônica do Caveira após a transferência de Perna para um presídio federal. Há certa imprecisão em relação ao seu surgimento, mas já há registro de sua presença no sistema desde 2013, com pátios estabelecidos em conjunto com o Caveira, e entre os jovens da periferia desde 2012<sup>10</sup>. De fato, há indícios que seu surgimento foi fruto da insatisfação de um grupo do Caveira cujos membros estavam na PLB (Penitenciária Lemos de Brito) e em Lauro de Freitas, nos idos de 2012, dentre eles, o Antônio Dias de Jesus, o Colorido; o Marcelo Batista dos Santos, o Marreno; o Cristiano da Silva Moreira, o Dignow e o Lívio dos Santos Amaral, o Coroa, além de (inicialmente com menos evidência) José Francisco Lumes, o Zé de Lessa e seu irmão, Edielson Francisco Lumes, o Dó, todos cumprindo longas penas no sistema prisional, à época.

E o que suscitou essa dissidência? O estudo aponta para alguns fatores. Inicialmente há que mencionar o enfrentamento ao CP e a preservação de seus territórios. O CP sempre foi conhecido por ter um perfil mais agressivo. Seus membros atendiam aos líderes sem pestanejar, o que mandavam fazer, faziam. Diante da ausência dos principais líderes de cada grupo, os conflitos por territórios se ampliaram. Para fazer um contraponto à violência do Comando da Paz, um grupo de pessoas do Caveira se intitulou um bando de malucos que não temia nada e iria “pra cima” do CP. Então é um bando dentro do grupo Caveira disposto a lutar e guerrear, partir pra cima do CP e ampliar territórios. No entanto, nem Perna nem Cláudio Campanha concordavam com os conflitos que vinham ocorrendo e solicitaram que um grupo não invadisse o território do outro para não atrapalhar os negócios ou chamar a atenção da polícia. Essa visão do crime, claramente, se espelha na filosofia do PCC:

Bonde do Maluco, vem da carnificina do CP ... O BDM quis mostrar que poderia ter um grupo de criminosos mais cruéis em contraponto ao que já estava posto... um bando de gente maluca que poderia fazer frente a violência da CP. Eles faziam questão de mostrar que não temiam nada. Diante disso, um cara que se intitula Paulista traz a voz dos líderes do CP e do Caveira de

---

<sup>10</sup> Ver <https://www.youtube.com/watch?v=vnPJD3Luzdc>

pacificação. Traz uma carta de próprio punho de Perna pedindo pra não invadir territórios e não chamar atenção e atrapalhar os negócios. (Rigel, Staff).

Um fator que vale ser ressaltado é a luta interna pelo poder e a transferência de informações feita por Perna para algumas pessoas do seu grupo. Diferentemente de outros grupos que contam com uma rede familiar que propicia segurança e centralização, Perna contava com pessoas oriundas de uma rede construída no decorrer de sua trajetória criminosa e que não mantinham com ele outro tipo de vínculo que proporcionasse fidelidade e coesão<sup>11</sup> (Smith e Papachristos, 2016). As constantes fragmentações do grupo são citadas nos trechos abaixo:

Genilson vai transferido para um presídio federal mas, contudo, ele fica com seus gerentes. Primeira fragmentação. Os seus gerentes começam a entender da dinâmica do tráfico. Por exemplo, deixou Jorge de Maria, deixou Beto do Bairro da Paz, e deixou outros. Mas o que aconteceu? Quando Genilson foi para o presídio federal, ele ampliou o seu conhecimento, ampliou o seu comércio, porque lá encontrou as lideranças tanto do PCC quanto do Comando Vermelho e aí buscava tanto armamento quanto drogas, dessas duas facções. Você tem o primeiro escalão que é ele, você tem o segundo escalão que são os seus gerentes, você tem o terceiro escalão que são aqueles que comandam nos bairros, e você tem o quarto escalão que são os seus soldados. Você sabe que existe escala hierárquica. O do bairro tenta ser gerente, o gerente tenta ser o 01 e assim sucessivamente. Contudo, seus gerentes percebem que hoje eles têm completo domínio, têm conhecimento, têm seu exército reserva... Então eles não precisam mais receber ordens do 01. E aí eles estabelecem novos pontos de drogas... (Alano, Staff)

Outro evento selou o rompimento do BDM com o Caveira. Em meados de 2014, após a transferência de Roceirinho, até então aliado do Caveira e conhecido traficante do Recôncavo (sobre o qual iremos discorrer na próxima sessão), da Unidade Especial Disciplinar (UED) para o Conjunto Penal de Serrinha, no interior do Estado - considerada uma prisão mais rigorosa, no estilo RDD (Regime Disciplinar Diferenciado) -, houve um desentendimento entre ele e Zé de Lessa. A investida de operações policiais nos territórios de Roceirinho obviamente abriu espaço para a entrada de outros grupos. Nisso, Roceirinho conjecturou que Zé de Lessa havia armado com agentes do Estado a sua transferência para a tomada de seus territórios

---

<sup>11</sup> Na abordagem de rede criminal, encontramos o conceito de multiplexidade que se refere às várias dimensões de relacionamento existente entre um par de indivíduos, como por exemplo, colegas de trabalho que são amigos, ou irmãos (Smith e Papachristos, 2016).

e ordenou um ataque a ele na UED. Versões diversas sobre o real motivo do episódio não deixam clara a participação de funcionários públicos, mas há fortes indícios que a ordem veio de Roceirinho:

Zé de Lessa sofre um atentado a mando de Roceirinho... Quebram um cabo de vassoura, fazem um chuncho e dão uma chunchada nele. Zé de Lessa foi protegido pelo pessoal do Caveira. Cinco ou seis elementos ficaram na frente e não deixaram que matassem Zé de Lessa e contiveram a rebelião. (...) Zé de Lessa pagou um dinheiro alto pra alguns agentes para tirar Roceirinho de lá e mandar pra Serrinha. Resultado: isso foi feito com o uso da inteligência dizendo que ele estava pintando o terror lá dentro, que ia acontecer isso e aquilo. Aí a inteligência faz um relatório, faz um acompanhamento com o ministério público e o poder judiciário e transfere Roceirinho para Serrinha. (Alano, Staff).

Os depoimentos demonstram como as instituições formais, incluindo a inteligência prisional, podem ser manipuladas para que alguns objetivos sejam alcançados pelos grupos criminosos. Em relação ao retorno de Genilson, o Perna, eram comuns os relatos apavorados de membros do staff das instituições de defesa social, alegando que uma guerra poderia ocorrer na Bahia. Contudo, como anunciado na entrevista com um dos internos, isto não aconteceu e os reais atores que encenariam a tal falada “guerra” estavam em outra direção.

Assim, com o avanço do BDM, aumentaram também as investidas policiais contra esse grupo que tem sido um dos mais combatidos desde 2016. Apesar das constantes investidas e da prisão de um dos seus líderes, Venício Bacellar Costa, o Fofão, o BDM continua aumentando sua presença nos pátios do sistema prisional e nas cidades do interior. No momento<sup>12</sup>, o BDM tem pátios exclusivos na Cadeia Pública, Presídio Salvador, Colônia Lafayette Coutinho, Conjunto Penal de Serrinha, Penitenciária Lemos de Brito, Conjunto Penal de Feira de Santana, Conjunto Penal de Lauro de Freitas, Unidade Especial Disciplinar, Conjunto Penal de Paulo Afonso, e divide espaços no Presídio Feminino e no Conjunto Penal de Simões Filho. Além disso, mantém forte influência nas unidades do interior como Jequié, Vitória da Conquista, Brumado, Eunápolis, Itabuna e Valença. Também encontramos o BDM (Tudo 3), assim como a CP/CV (Tudo 2) em unidades de medidas socioeducativas da capital e do interior, e notícias de expansão pelo litoral do Nordeste e no tráfico

---

<sup>12</sup> Importante salientar que essa conformação é fluída e que sempre existem movimentos de tomada de territórios e reconfiguração do poder. O mapa atesta a situação em abril de 2023.

internacional de drogas<sup>13</sup>. O BDM é o grupo que tem maior penetração no estado, alcançando praticamente todos os municípios, em busca do monopólio na distribuição de drogas.

Diferente da antiga CP e da Katiara, o BDM não tem uma estrutura hierárquica ou centralizada; é formada por redes de grupos criminosos que se desdobram a partir de membros existentes nos bairros ou no sistema prisional, numa espécie de franquia. São inúmeras as citações sobre líderes do BDM entre os operadores da segurança pública e na mídia, inclusive com ocorrência de violência e disputas intragrupo:

Hoje no BDM não tem um grupo que controla, tá jogado, brigam entre eles, matam quem quer. Tá uma bagunça. É fácil explicar porque eles estão crescendo tanto... Quando a CP expandiu tanto, tinha muitos que não era da facção, era só pra falar que era escorpião. Depois Piti morreu, foi pra Perna, e agora é BDM. Então vai aí compra vinte grama de pó pra vender num negocinho e diz que é BDM. Uma vez eu estava conversando com um dos fundadores, líder mesmo, sentado, tomando cerveja, ele dizendo –Eu não sei quem é mais ninguém. Não tenho mais controle; é muita gente. Eles queriam fazer um território dos lugares que é deles a boca mas não tem como. Ele afastou. Disse – Vou sair pra depois não vir pro meu lado. Mas tá a fama até hoje, do nome da pessoa. Quando chega alguém no sistema e fala – eu sou menino de fulano – eu digo, me dê o número de fulano pra eu falar com ele; não tem. Usa o nome da pessoa. (Avalon, Interno)

Desta forma, cada bairro ou ponto de venda tem uma estrutura própria e as decisões são tomadas localmente, assim como as parcerias. Recentemente foi noticiada a entrada na Bahia do Terceiro Comando Puro (TCP), grupo criminoso do Rio de Janeiro que tem rixa com o Comando Vermelho, através de parceria com o BDM que atua em Santo Amaro. A manchete “Rival do Comando Vermelho, facção carioca chega à Bahia e faz aliança com o BDM: TCP disputa áreas com o CV desde 2002; Recôncavo foi porta de entrada” (Wendel, 28.08.2023) dá a entender que o BDM baiano está aliado ao TCP para fazer frente ao CV. Dias depois, outra matéria aponta para parceria do TCP na cidade de Jacobina, ao norte da Bahia: “Depois do Recôncavo, facção rival do Comando Vermelho invade bairros de Jacobina, na Bahia” (Wendel, 04.09.2023). De fato, em virtude da ausência de um comando central, esta

---

<sup>13</sup> Ver <https://www.band.uol.com.br/noticias/brasil-urgente/ultimas/pcc-se-une-a-facao-bonde-do-maluco-e-mira-traffic-internacional-16525511>

parceria é localizada e pode ou não se estender a outros territórios, a depender da decisão de cada liderança local.

Analisaremos, a seguir, o surgimento da Katiara, outro grupo criminoso baiano, que se estabeleceu enquanto “facção” para fazer frente às ameaças do BDM de tomada de territórios e pátios.

### 3.3 A Katiara

Em dezesseis de outubro de 2013, oficialmente, surgiu outro grupo criminoso que embora já existisse enquanto empreendimento no segmento de venda ilegal de drogas, com o nome de Primeiro Comando do Recôncavo (PCR), organizou-se dentro do sistema prisional e autodenominou-se ‘Facção Katiara’. O seu líder, Adilson Souza Lima conhecido como Roceirinho, encontra-se preso desde 2012 (já havia sido preso em 2011, mas liberado) e tem sido mantido em unidades de segurança máxima, desde então. Suas atividades se iniciaram no interior, na região de Nazaré das Farinhas e seu líder, desde novo, trabalhava cuidando de cavalo e gado na região, e quando adulto vendia carne na cidade, mas também mantinha atividade criminosa, especialmente roubos. Neste percurso, teve contato com um traficante de Salvador que o convenceu a vender drogas na região e ser o seu gerente, mas convivia de forma pacífica com os outros proprietários de bocas de fumo da cidade. Depois de se apropriar do negócio, rompeu as ligações com Salvador, eliminou os concorrentes locais e recrutou mais pessoas para seu grupo. Passou então, a liderar o tráfico na região do Baixo Sul da Bahia e depois expandiu seus empreendimentos legais e ilegais para a cidade de Salvador, conforme um dos relatos:

(...) Nasce uma terceira facção, Katiara, Roceirinho, Adilson Souza Silva. Ou seja, como nasceu? Por que Roceirinho? Era um homem da roça, um homem da enxada. Roceirinho, a atuação dele é ali no Baixo Sul, Valença, Nazaré das Farinhas, Maragogipe e tal. Roceirinho é cooptado por um membro da CP pra vender drogas naquela região. Ele começa a entender a dinâmica do tráfico. E começa a entender e ir buscar sua droga. E aí cria essa facção, a Katiara. Muito forte na época. Não tinha a intenção de violência como tinha a caveira e como tinha a CP. Se estabeleceu estrategicamente num bairro chamado Valéria. Estrategicamente por que? Porque entre o bairro passa uma BR, a BR 324. De um lado tem os bairros mais populosos, Cajazeiras I, II, III, IV V.. X... Ele é vivo, é um cara que tem visão. Ele comprava seis milhões de drogas... ele mandava um carro sair daqui com um milhão e meio em dinheiro pra comprar droga em Ponta Porã. (Alano, Staff)

Mas de fato, a Katiara se estrutura, como vimos anteriormente, a partir do rompimento de Roceirinho com uma liderança, Zé de Lessa, que à época ainda era visto associado ao Caveira, mas que depois cria uma dissidência declarada e dá origem ao BDM, conforme já apresentamos:

(...) Foi a partir dessa ruptura que Roceirinho declarou a facção. Então a facção Katiara é coisa de 3 a 5 anos. A estrutura é pré-existente, mas a declaração enquanto facção, estrela de 5 pontas com K no meio... aquilo é menos de quatro anos pra cá. Foi dentro do Sistema. Quando Roceirinho foi pra Serrinha... Porque vamos lá... Katiara é um bairro de Amargosa onde Roceirinho nasceu e tem família e por conta desse local, ele denominou a facção de Katiara. E a representação de Roceirinho aqui em SSA é pequena. Tinha o bairro de Valéria como reduto, mas muita coisa é na costa do dendê, Amargosa, Santo Amaro, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Maragogipe, Ilha, a representação da Katiara era muito forte. E lá em Serrinha ele começou a batizar muita gente como Katiara. Então nessa ruptura de Roceirinho e Zé de Lessa, algumas pessoas que tinham representatividade no sistema ficou como fiel da balança. (Denzel, Staff).

A Katiara, especialmente após declarar-se como facção, passa também a ser alvo das operações policiais. O grupo que, como vimos, inicialmente não era violento teve que se armar e combater outros grupos para manter seus territórios:

O que aconteceu? A Polícia, a inteligência da segurança pública e da Federal começaram a combater a Katiara, esquecendo caveira e esquecendo CP. Olhe quanta coisa eu estou te falando que é decorrente da ação do Estado. Quando viram uma organização crescendo não com violência, mas quantidade de droga e armamento... ele não queria combater, ele só queria vender a droga, contudo ele começou a sofrer a violência da CP e do Caveira [BDM]. Aí ele disse, eu tenho que me proteger. Começou a sofrer a violência porque ele estava crescendo muito, mas muito mesmo. Pense, a gente nunca ouviu falar que a CP nem a Caveira saiu daqui com um milhão e meio dentro de um carro, em dinheiro, em espécie pra trazer droga. A ganância começou a saltar aos olhos deles. (...) Começou a CP e a Caveira a invadir Valéria. Resultado: cada carregamento de droga da Katiara que era apreendido, no meio vinha uma farta quantidade de munição, e de fuzil. Na primeira apreensão foi um sinal de que ele estava se preparando para um confronto maior. (Alano, Staff)

Os relatos e notícias apontam que a ação ostensiva e periódica das polícias, mas também de outros grupos criminosos interessados na ampliação de territórios e

de poder, resultou no enfraquecimento da Katiara. Não podemos também esquecer o papel da corrupção nesse processo:

Zé de Lessa pagou um dinheiro alto pra alguns agentes para tirar Roceirinho de lá [da UED] e mandar pra Serrinha. Resultado: isso foi feito com o uso da inteligência, os agentes dizendo que ele estava pintando o terror lá dentro, que ia acontecer isso e aquilo. Aí a inteligência faz um relatório, faz um acompanhamento com o ministério público e o poder judiciário e transfere Roceirinho para Serrinha. (Alano, Staff).

Uma peculiaridade da Katiara que a difere da BDM é a centralidade de sua gestão e a existência de multiplexidade:

Katiara cai porque seu líder é preso, só que aconteceu o seguinte, já diferente de CP e de Caveira, ele não passou os contatos dele. Então aquelas compras altas que eram feitas, eram feitas diretamente com ele. Ele centralizava porque ele percebia que se ele fortalecesse seus gerentes ele estaria perdendo seu território. Até hoje, ele tem território, tem a compra, mas é feita por sua mulher, pelo seu irmão, não por outros gerentes ainda ligados a ele. (Alano, Staff).

A característica de rede presente em diferentes tipos de relacionamentos entre duas pessoas, como neste caso, familiares e parceiros de trabalho, é chamada de multiplexidade, a qual acrescenta profundidade aos relacionamentos sociais, aproveitando os laços já existentes entre um par, e constroem confiança além de reduzir incertezas (Smith e Papachristos 2016). Esse tipo de estrutura, hierárquica, impediu dissidências e conflitos pelo poder, mas também sua expansão. Hoje, não encontramos muitos pátios exclusivos do grupo Katiara dentro do sistema prisional onde seus membros convivem basicamente com lideranças neutras ou nos pátios do grupo CP. Há notícia de pátio exclusivo apenas em Feira de Santana. Fora do sistema prisional, o grupo ainda tem forte influência no Recôncavo e em alguns bairros de Salvador, especialmente Valéria e Castelo Branco, mas vivem em constantes conflitos com o BDM, como podemos verificar em reportagem do Jornal Correio:

Um fuzil e uma submetralhadora que vinham sendo ostentados como troféu nas redes sociais pela facção Bonde do Maluco (BDM) e seriam usados em ataques a rivais foram apreendidos pela Polícia Civil junto a outros armamentos e munições na noite desta quarta-feira (23), na BR-324, imediações do bairro de São Caetano. Todo material foi encontrado dentro de um carro e o motorista foi preso em flagrante. O fuzil Colt M4 calibre 556 e a submetralhadora Taurus calibre ponto 40 eram de integrante da facção Katiara, mas foram pegos pelo BDM após uma série de

confrontos em outubro no ano passado no bairro de Valéria. Na ocasião, os moradores viveram dias de pânico e escolas tiveram as aulas suspensas em Nova Brasília de Valéria - localidade que vem sendo cenário para o confronto entre os grupos criminosos (Wendel, 24.02.2022).

Ressaltamos, ainda, que uma maior organização formal é outra característica importante encontrada nesse grupo. Um trecho do seu estatuto nos dá um exemplo disso (reproduzido conforme o original):

(...) 3. Quero deixar a todos os integrantes que são da facção terá obrigações de informar o nome da favela da cidade onde mora e de quantos irmãos faz parte da quebrada para poder usufruir dos benefícios que será fortalecido, passar o nome de todos os irmãos e companheiro leal para que possam ter seus estatutos e suas matrículas de batismo, para passar para o responsável do gravata, para que estes benefícios sejam realizados. Todos os integrantes que estiverem na rua é obrigado a pagar caixinha no valor de R\$ 100,00 (cem reais) mensais todo dia 15 de cada mês e comprovante do depósito entregues ao irmãos responsável do gravata que presta serviços para nossa organização criminosa. Quero deixar cientes que os benefícios da caixinha serão para despesas com advogados pra progressão de regime semiaberto, livramento condicional e transferência para outros presídios próximo de casa. Estes são os benefícios autorizados pelo Primeiro Comando do Recôncavo Baiano de Nazaré das Farinhas Katiara ok!

O controle dos membros, o pagamento de mensalidades e a oferta organizada de serviços não são encontrados em outros grupos baianos. Os auxílios são eventuais e restritos vez que os recursos pertencem a um indivíduo e não a um coletivo. Desse modo, a oferta de serviço, quando ocorre, é discricionária. Na Katiara observamos, também, uma maior especialização de tarefas tais como os gravatas, os responsáveis pelo paiol e pela distribuição da droga.

A Katiara ainda domina o tráfico em Maragogipe, Salinas da Margarida, parte de Itaparica, Nazaré das Farinhas, Vera Cruz, Santo Antônio de Jesus e Santo Amaro, e no Recôncavo, mantendo assim, seus espaços tradicionais, mas sob intenso conflito armado com o BDM. Em decisão judicial sobre um pedido de relaxamento de prisão, o Juiz da Vara dos Feitos Relativos a Delitos de Organização Criminosa de Salvador, datada de doze de julho de 2023, indefere o pleito e informe que Adilson Souza Lima, o Roceirinho, “formou alianças com as facções Comando Vermelho (CV) e Tropa do

A, recebendo armamentos e drogas para confrontar a rival Bonde do Maluco (BDM)” (Processo 8084207-69.2023.8.05.0001). Depreende-se deste trecho que a Katiara também tem sido parceira do CV na atual guerra por tomada de territórios do BDM, fenômeno que discorreremos a seguir.

### 3.4 O Comando Vermelho (CV) na Bahia

O cenário e a dinâmica dos grupos criminosos armados na Bahia começam a sofrer mudanças a partir da entrada de um grupo oriundo do Rio de Janeiro, o Comando Vermelho (CV), primeira organização criminosa no Brasil, formada em 1979, no presídio da Ilha Grande no Rio de Janeiro e que, segundo Amorim (2006) surgiu da integração das organizações políticas revolucionárias com os criminosos comuns.

As notícias mais substanciais sobre a entrada do CV na Bahia datam do ano de 2016, após o fim da trégua nacional entre PCC e CV que culminou em conflitos e mortes nas prisões de Boa Vista (RR), Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). Até então, as duas grandes facções nacionais, PCC e CV, tinham participação como fornecedores de armas e drogas ao mercado baiano, e, nas prisões, conviviam nos pátios dos grupos com os quais mantinham relações, a saber: o CV mantinha relações mais estreitas com o CP e o PCC, inicialmente com o Caveira e depois BDM. As seguintes manchetes no Jornal Correio foram encontradas sobre esse processo de maior aproximação do mercado baiano: “Comando Vermelho e PCC disputam venda de drogas na Bahia; Seap está 'em alerta'” (Wendell, 27/10/2016); “Comando Vermelho disputa comércio de drogas e armas com PCC na Bahia” (Wendell, 22/11/2016).

A partir de 2016 a relação entre os membros do CP e do CV foi se estreitando e a aliança se solidificou, em 2020, após um dissidente da CP, Thiago Adílio (mentor da facção Ordem e Progresso – OP, também conhecida como Tropa do A) ser morto no Rio de Janeiro, em área comandada pelo CV, pelos próprios membros deste grupo, como condição imposta pela CP para se tornar uma célula do CV na Bahia, já que a expansão de Adílio incomodava os ex-companheiros:

Fundador da facção OP, “Coruja” é morto pelo Comando Vermelho em comunidade do Rio. O traficante Thiago Adílio dos Santos, conhecido como Coruja, foi morto em Cabo Frio, no Rio de Janeiro, na noite de quinta-feira (13/08), conforme uma fonte do Informe Baiano. O bandido foi surpreendido por

integrantes do Comando Vermelho e do Comando da Paz, facções fluminense e baiana, respectivamente. A morte ainda foi filmada pelos assassinos, que compartilharam vídeos e fotos nas redes sociais. “Coruja” foi executado com tiros de metralhadora e pistola. (Informe Bahiano, 14.08.2020)

Em setembro de 2020, a aliança entre o CP e o CV - que tem como principal objetivo deter a expansão do BDM e ampliar os seus territórios na capital e no interior - é publicizada, inicialmente nos muros dos bairros Santa Cruz e Nordeste de Amaralina, berços da CP, e também em redes sociais:

### **Comando Vermelho se estabelece na Bahia a partir de aliança com o CP**

Territórios antes dominados pelo CP passam a ser área do CV, inclusive o complexo do Nordeste de Amaralina

Em um muro no bairro de Santa Cruz, duas siglas juntas representam uma aliança forte e perigosa para a segurança pública na Bahia. Pichadas na cor vermelha, as iniciais “CP” e “CV” mostram o que antes só se ouvia nos bastidores da polícia: a facção Comando da Paz, criada em 2007<sup>14</sup> no Presídio Salvador, acaba de se tornar uma célula da segunda maior organização criminosa do país, o Comando Vermelho (CV), que surgiu na década de 70 num presídio do Rio de Janeiro. Ou seja, o CV não mais só fornece armas e drogas para o estado, ele se estabeleceu em bairros de Salvador. A partir de agora, os territórios antes dominados pelo CP passam a ser área do CV, inclusive o complexo do Nordeste de Amaralina (Nordeste de Amaralina, Santa Cruz, Vale das Pedrinhas e Chapada do Rio Vermelho). É no complexo, mais precisamente no Beco da Cultura, em Santa Cruz, que o Correio encontrou as duas siglas num muro. (Wendell, 25.09.2020)

À época, o próprio Jornal Correio divulgou declaração do Comandante da Polícia Militar de que a chegada do Comando Vermelho à Salvador “não passava de boatos” e que grupos locais estariam usando a marca do Comando Vermelho (Correio, 25/09/2020). Logo após as reportagens, as marcas foram apagadas e as polícias informaram que não foram eles os responsáveis pela ação. Fato é que, após este episódio, a Secretaria de Segurança Pública (SSP) divulgou o registro de mais de cinquenta ataques a viaturas no Complexo do Nordeste de Amaralina e deflagrou operação com o objetivo de “combater facção que atua na localidade e evitar a formação de bondes que planejam crimes e tentam expandir o domínio pelo tráfico de

---

<sup>14</sup> Esta data está informada de forma equivocada pois Piti morreu em 2007. A Comissão da Paz surgiu no final da década de 1990, início dos anos 2000.

drogas em outras regiões” (Wendel, 02.12.2020; A Tarde, 02.12.2020). Outro indicador que chama a atenção é o aumento de notícias de conflitos armados na capital baiana desde novembro de 2020:

### **Novembro de sangue: mês tem ao menos 127 assassinatos**

Correio noticiou pelo menos onze conflitos armados em diferentes bairros da capital. Num único dia, 14 pessoas foram assassinadas

As noites e madrugadas não têm sido as mesmas para os moradores dos bairros periféricos de Salvador. Neste último mês, ao menos onze tiroteios foram noticiados pelo Correio em diferentes bairros de Salvador, o que já fez de novembro o mês mais violento da pandemia na capital, somando 127 pessoas assassinadas, conforme dados dos boletins diários da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA), compilados pelo jornal. Esse número, inclusive, pode ser muito maior, já que não constam nesses boletins as seis mortes durante operação policial no bairro de Águas Claras. (Cordeiro, 07.12.20)

Em 2021 os conflitos continuaram, com registros de confrontos em Periperi, São Caetano, Itinga e Pernambuês, sempre envolvendo o CP/CV e o BDM, mas com repercussão menor do que aquela que presenciamos quando os confrontos chegaram nos bairros de classe média e alta da cidade. Esta guerra tem sido ampliada na Bahia também pelo fato de o estado se consolidar como corredor de carregamento de armas para o Nordeste, com aumento de apreensões que normalmente estão relacionadas aos grupos criminosos.

Os conflitos entre os grupos também começam a se acirrar no sistema prisional baiano. Até então havia uma ética nas prisões de se resolver os conflitos na rua, mas isto vem se modificando<sup>15</sup>. Em um episódio na Penitenciária Lemos de Brito (20.02.2022) uma rebelião deixou um saldo de cinco mortos e 38 feridos, segundo fontes do Ministério Público e do Sistema Prisional:

### **Rebelião foi planejada por facção temendo expansão de grupo rival na Lemos Brito**

Comentário que presídio 'avermelhou' com maior presença do Comando Vermelho irritou rivais.

Até pouco tempo, uma relativa paz reinava entre os presos das três facções da Penitenciária Lemos Brito (PLB), uma das

---

<sup>15</sup> Eventos de morte entre rivais em prisões no interior do estado e em outros estados indicam que o intuito inicial de diminuir a violência no sistema prisional, que foi o lema para o surgimento de grupos organizados nas prisões, vem perdendo força e muitas desavenças da rua estão sendo “resolvidas” nas unidades prisionais.

unidades do Complexo Penitenciário da Mata Escura. Apesar da rivalidade nas ruas de Salvador, na PLB havia um certo respeito entre os grupos, tanto que, em alguns momentos, eles ficavam juntos no banho de sol. Mas o crescimento do número de internos do Comando Vermelho (CV), uma das maiores organizações criminosas do país, foi visto como ameaça e levou a Tropa do A a planejar a execução do líder do CV e outros nomes fortes do grupo durante uma rebelião nesse domingo (20). (Wendel, 21.02.2022)

Um vídeo divulgado nas redes sociais mostra exatamente o início do confronto. Informações do *staff* prisional e dos meios de comunicação associam a Tropa do A à facção Ordem e Progresso (OP), cujo mentor Thiago Adílio foi morto pela CV, conforme já discorremos. Assim, a tensão que a população está vivenciando nas ruas soteropolitanas, chega ao sistema prisional, alimentando o ciclo de violência.

Não tendo mais como nomear como “boato” a entrada do Comando Vermelho na Bahia, o grupo passa a ser o alvo da segurança pública baiana. Em dezenove de agosto de 2022, o comandante do tráfico no bairro Nordeste de Amaralina, Leandro P., foi morto em ação da Polícia na região de Feira de Santana. Ele era um dos nomes mais importantes na aliança que trouxe o CV para a Bahia. A disputa por territórios intensifica a resposta letal da polícia, conforme atesta o Instituto Fogo Cruzado<sup>16</sup>:

Em julho, o Instituto Fogo Cruzado mapeou 178 tiroteios que resultaram na morte de 151 pessoas e deixaram 36 pessoas feridas, em Salvador e Região Metropolitana. Do total de tiroteios registrados (178), 67 deles ocorreram durante ações e operações policiais e deixaram 64 pessoas mortas e 12 feridas. Das 64 mortes registradas nessas ações, duas delas foram por bala perdida. Julho é o mês com o maior número de pessoas mortas em ações policiais desde que o instituto iniciou seu mapeamento, em julho de 2022.

Após a aliança com o Comando Vermelho, o grupo Comando da Paz (CP) deixa de ser mencionado, tanto na mídia quanto entre os agentes de Segurança Pública, apontando para uma nova fase do tráfico de varejo da capital, cujos grupos, que até então resistiam em abrir espaço para os grupos do Sudeste, submetem-se a eles. A configuração da venda de entorpecentes sai de um modelo fragmentado<sup>17</sup> para um modelo polarizado entre os dois maiores grupos criminosos do país, posto que o PCC,

<sup>16</sup> Cf. <https://fogocruzado.org.br/dados/relatorios/grande-salvador-julho-2023>, acessado em 19/08/2023.

<sup>17</sup> Várias dissidências do antigo Caveira e do CP deram origem a pequenos grupos que podem ser identificadas na capital baiana e no sistema prisional: Tropa do A/Ajeita/Coruja, Bonde do Fal, Bonde do Zébedeu, Bonde da Gamboa, Vida Loka etc.

como já vimos, sempre manteve aproximações com os primeiros grupos que se estabeleceram no sistema prisional baiano, “correndo junto”, e, atualmente, é aliado do BDM na guerra para manutenção da hegemonia do grupo na Bahia.

No momento (setembro/2023), há registros de vídeos de pessoas armadas em confronto, veiculados em redes sociais, e relatos de moradores assustados com cenas de guerra, nunca antes presenciada, em bairros de classe média, como Graça, Barra, Ondina, Brotas, que fazem fronteira com bairros populosos, como Alto das Pombas e Calabar e Engenho Velho de Brotas, alvos de disputas entre o BDM e CV. As disputas em bairros periféricos também continuam e Salvador tem vivenciado, da orla ao subúrbio, cenas de tiroteios, presença de homens fortemente armados, homicídios e fuga de moradores das áreas de conflito. A percepção de insegurança da população vem aumentando, gerando ondas de pânico, da capital ao interior, e, cada vez mais, observamos a tendência de que a Bahia vivencie as consequências da polarização do mercado de drogas.

### 3.5 O PCC na Bahia

Segundo Manso e Dias (2018), há cerca de uma década existem relatos sobre o projeto de expansão do PCC para outros estados começando pelo Sul e depois atingindo o Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Na Bahia, o PCC vem se estabelecendo através de parcerias com o grupo BDM em Salvador e alguns outros no interior do estado. Artigo da Folha de São Paulo sobre a Operação Terra Livre da Polícia Federal, contra o BDM, deflagrada em maio de 2023, afirma:

Durante a investigação, após prender uma das principais lideranças do BDM, a PF encontrou conversas em um grupo de WhatsApp em que ficaram expostas as tratativas de parceria entre a facção baiana e o PCC, além da participação em crimes por disputa de território. No grupo, a PF encontrou informações sobre a tentativa da facção paulista em vender drogas dentro dos presídios baianos, o que foi barrado pelo BDM, mas sem que isso atrapalhasse o acordo existente. (Serapião, 27.05.2023)

Até este momento, na maior parte do sistema prisional baiano e nos bairros da capital, o grupo não se estabeleceu em territórios exclusivos, mas há membros presentes em todo o sistema prisional, convivendo com grupos locais que se alinham a ele. Nota-se movimentação do PCC para dominação de cidades do interior, possivelmente (hipótese a ser confirmada ou não em estudos futuros) para fazer frente à incursão do CV na Bahia, a partir da capital. Recentemente, identificamos a

existência de pátio exclusivo na unidade prisional de Feira de Santana, e uma tentativa de estabelecer pátio exclusivo na unidade prisional recém inaugurada de Brumado, a qual foi reprimida pela gestão.

Outra estratégia observada diz respeito a compra de territórios. Conforme relato de um operador do sistema de segurança, o PCC adquiriu os territórios que eram comandados por Paulo TG, em Jequié, cidade de cerca de 158 mil habitantes, segundo o Censo de 2022, e que foi apontada no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) como a mais violenta do país, com taxa de 88,8 mortes por cem mil habitantes. Uma das explicações é justamente a disputa entre o PCC e o grupo denominado Real, comandado por Sandro Santos Queiroz, ligado ao Comando Vermelho. Contudo, outro aspecto que contribui para os altos índices de morte violenta, está relacionado às intervenções policiais, com características de execução sumária, conforme familiares das vítimas. Em 2022, “38 das 141 mortes violentas em Jequié –uma em cada quatro– foram registradas como autos de resistência” (Pitombo, 23.07.2023).

Assim, além de apoiar o BDM na manutenção dos territórios em Salvador contra os ataques do CP/CV, o PCC vem atuando através de alianças em várias cidades do interior, além de Jequié, formando parcerias com organizações criminosas locais, como, por exemplo: PCE — Primeiro Comando de Eunápolis; PCI — Primeiro Comando de Itabuna; Bonde Feira de Santana; MPA, na Costa do Descobrimento<sup>18</sup>; BDN ou Bonde do Neguinho (ou de Dona Maria), em Vitória da Conquista e região sudoeste da Bahia, dentre outras. Diante do contexto bélico observado e da inauguração de unidades prisionais em cidades do interior comandadas pelo PCC, possivelmente este cenário deve se modificar.

#### **4. Discussão e Conclusão**

O cenário dos grupos criminosos na Bahia, que usualmente já é caracterizado pela fluidez, encontra-se em um momento particular de reorganização e seguindo uma tendência, já observada em outros estados, de se consolidar em torno de duas siglas para as quais convergem todas as demais: Tudo 2 (CP, CV e aliados) ou Tudo 3 (BDM, PCC e aliados). E neste processo, o uso instrumental da violência que, como vimos, atravessa toda a história dos grupos criminosos organizados na capital baiana,

---

<sup>18</sup> A Costa do Descobrimento é uma região composta pelos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia, Belmonte e Guaratinga, onde estão regiões turísticas como Santo André, Arraial d’Ajuda, Trancoso e Caraíva.

tem alimentado, juntamente com a resposta bélica das forças de segurança pública, as altas taxas de MVI no estado. A violência é um instrumento que permeia os grupos criminosos e o mercado de drogas (Reuter, 2009), e é alimentada pela facilidade de acesso a armas de fogo, e até pelos manejos e políticas inadequadas do sistema de defesa social que visa nos chamados “alvos sensíveis” e não em processos, abrindo espaço para conflitos entre grupos armados em busca de territórios.

O uso da violência para a tomada e controle de territórios e eliminar a competição no mercado de drogas é altamente prevalente e bastante discutido na literatura (Beatrice, 2017; Reuter, 2009, 2013; Lessing, 2008; Dias, 2013), observando-se o seu uso especialmente em momentos de reorganização de poder (Cf. Dias, 2013 quando discute a figuração social da era pré-PCC).

“Ter poder é matar”, diz Axel (Interno). O uso da violência letal como forma de manter a ordem e o controle social no território é um exemplo da manifestação do poder através do uso da força e da coerção, corroborando a afirmação de Giddens (2003) de que ordem e controle estão intimamente relacionados com a noção de poder. A espetacularização da violência, através das redes sociais, também é utilizada como instrumento de controle, poder e dissuasão de comportamentos indesejados nos territórios sob domínio, e tem sido utilizado de forma massiva por grupos criminosos (Rosas Reis e Lopes Silva, 2023; Barros e Pimenta, 2022), mas também no meio policial. Os vídeos com registro de mortes e torturas também servem para intimidar possíveis incursões por grupos “alemãos” (rivais) nos territórios dominados e, constantemente, são veiculados em mensagens de Whats Apps, como estes narrados pelos entrevistados:

A polícia mostra pós o ocorrido. O do tráfico é durante. Eles filmam a execução. A polícia vai divulgar o que já aconteceu não vai filmar ele matando. O cara do tráfico filma passo-a-passo... raspando a cabeça da mulher, agredindo, esquetejando... é como se tivesse um prazer em divulgar aquilo. Muitos desses vídeos você encontra os próprios caras mandando recado: aqui o que acontece com alemão... com X9... o recado é bem claro... (Aníbal, Morador).

No caso baiano, além do aspecto da competição por novos territórios, pode-se explicar a violência tanto pela fragmentação do mercado (Lessing, 2008; Beatrice, 2017) quanto pela polarização. As mortes por suposta invasão de território são

comuns em cidades nas quais o mercado é fragmentado, tensionando as relações e distanciando pessoas. E podemos inferir que este mesmo processo é percebido nos grupos em estudo que ora se encontram em processo de reconfiguração e polarização. O uso da violência como demonstração de poder tem o objetivo de intimidação e eliminação de eventuais resistências e comportamentos desafiadores. Quando comparamos números absolutos de homicídio doloso em cidades com população semelhante, como por exemplo, Valença e Brumado<sup>19</sup>, identificamos que na primeira, foram registrados 172 casos de homicídio, e na segunda, 22 casos, no ano de 2022. O que as diferencia? Na primeira, o mercado de drogas é fragmentado (disputa entre grupos ligados ao PCC e CV) e na segunda, o mercado é concentrado (monopolizado) vez que a cidade é territorializada por apenas um grupo ligado ao PCC.

Outro aspecto teórico relevante está relacionado a constatação de que os grupos criminosos da capital mantêm vínculos com grupos do interior e de outros estados. Até então, no dizer dos membros dos grupos, eles “corriam juntos” com os grupos do Sudeste (PCC e CV), mas sem levantar as suas bandeiras. Este contexto se modificou com a aliança do Comando da Paz com o Comando Vermelho, do Rio de Janeiro. Dois fenômenos podem ser observados neste processo: cada vez mais observamos que os grupos têm se estruturados em redes criminais, uma perspectiva teórica na análise dos grupos criminosos que tem sido pouco explorada no cenário nacional (Couto e Beato Filho, 2009; Souza, 1996; Tabôas, 2022), mas que já conta com substancial produção no cenário internacional (Bouchard, 2020; Morselli e Giguere, 2006; Morselli, 2009, 2013; McIlwain, 1999; Fielding, 2017; Malm e Bichler, 2011, Papachristos in Macdonald, 2017; Papachristos, 2014; Bright, Hughes e Chalmers, 2012; Faust e Tita, 2019; Kreager et al; dentre outros).

A colaboração entre os membros é um aspecto central dos grupos criminosos. Através da análise de redes, podemos mapear as interações entre os indivíduos envolvidos no crime organizado, bem como as conexões entre grupos, revelando a existência de estruturas em redes mais amplas, identificando relações de confiança, padrões de cooperação e fluxos de informação. O suporte dado aos grupos locais, pelo PCC e CV, na guerra por territórios, demonstra o funcionamento dessa rede criminosa e, embora não seja o objetivo do nosso trabalho neste momento, é

---

<sup>19</sup> Segundo o Censo de 2022, Valença tem uma população de 85.655 pessoas e Brumado, 70.512 pessoas.

importante destacar a importância de compreender a colaboração como uma estratégia-chave para o sucesso das empreitadas criminosas e a dificuldade para extingui-las (Bouchard, 2020). As redes criminosas também podem se beneficiar de forças legítimas, com reputação, capital social e conexões com instituições legais. Compreender essas forças legítimas é essencial para uma análise abrangente das organizações criminosas (Morselli e Giguere, 2006).

Concluimos, ainda, que as taxas de violências são alimentadas pela resposta das forças de segurança ao problema da criminalidade. Segundo o site Fogo Cruzado, 46% das mortes ocorreram em operações policiais, em setembro de 2023, especialmente em bairros periféricos, vitimando tanto policiais quanto supostas pessoas envolvidas em atividades delituosas, além de transeuntes e moradores que estão nas proximidades dos tiroteios.

A lógica de assassinato tanto é conduzida pela polícia quanto pelos grupos criminosos, ambos em nome de uma ordem social, conclui Willis (2015) ao estudar o caso da diminuição dos crimes violentos em São Paulo, resultante de um acordo implícito entre eles sobre o direito de matar e sobre quem pode morrer.

Embora a taxa de CVLI inclua, além de homicídio doloso, o feminicídio e a lesão corporal seguida de morte, há evidências na literatura de que a evolução das taxas de homicídio acompanha o crescimento do tráfico (Kilzstajn et al., 2003; Beato Filho et al., 2001; Portella et al., 2019). Estudo realizado por Portella et al. (2019) demonstrou uma associação estatisticamente significativa do coeficiente de homicídio doloso com o tráfico de drogas, índice de pobreza e proporção de homens negros de 15 a 49 anos, ao analisar os casos desses delitos registrados pela Polícia Civil da Bahia.

Barcellos e Zaluar (2014) identificam as disputas territoriais nas favelas como um dos fatores ecológicos preditivos da violência e explicam estes conflitos através do “ethos de masculinidade violenta que cria disposições subjetivas para a resolução litigiosa de conflitos” (Barcellos e Zaluar, 2014, p. 95). Os conflitos entre os empreendedores ilegais, a polícia, usuários e milicianos também podem ser explicados, numa abordagem sociológica, pelo que Machado da Silva (2004, p. 58-59) denominou de “sociabilidade violenta”, que, em uma definição ligeira, é entendida como um modelo de conduta que “no centro de uma formação discursiva que expressa uma forma de vida constituída pelo uso da força como princípio organizador das relações sociais”, e como instrumento de dominação. Cabe ressaltar que nem sempre

as mortes de usuários ou de pessoas envolvidas com o tráfico, está relacionada diretamente ao mercado de entorpecentes, mas sim a motivações banais como a discussão na mesa de bar, a vingança ou mesmo a retaliação por abandono amoroso<sup>20</sup>, isto é, devido a esta sociabilidade violenta que atravessa as relações interpessoais. Zilli (2015) também concluiu que em gangues, a violência é fundamental para as relações sociais e a própria existência do grupo. A imposição de regras rígidas visa fortalecer a coesão interna e demarcar sua posição na comunidade. Dentro dessa subcultura, demonstrar disposição para a violência é crucial para a sobrevivência, ganhando respeito e evitando desafios. A decisão de matar está mais ligada às normas do "mundo do crime" do que a motivos utilitários, sendo a violência usada para construir identidades individuais e grupais, e organizar relações sociais.

As altas taxas de violência na Bahia também podem ser explicadas pelo fenômeno da interiorização e da expansão dos grupos criminosos para o Norte e Nordeste do Brasil. Chama atenção o fato de que, das quinze cidades mais violentas do país, oito estão no interior da Bahia, sendo Jequié a primeira colocada, enquanto Salvador é a décima segunda colocada. Ao analisar as taxas de CVLI em diversos estados brasileiros, Silva (2018, p. 29), concluiu que:

Em resumo, os principais resultados indicam que: (1) a taxa de CVLI na Bahia cresceu 108,24% entre 2004 e 2015; (2) o incremento no Interior (137,49%) foi maior do que a variação da RMR (68,58%); (3) ao se considerar o porte, o estrato que se tornou mais violento foi o de 20 a 50 mil habitantes e (4) a literatura aponta como principais causas da violência a desorganização social e facilidade para obtenção de armas de fogo.

O autor também buscou, a partir da percepção de gestores ligados à segurança pública, as causas deste fenômeno que, no geral, estão relacionadas aos menores investimentos em segurança nas cidades do interior; ausência de políticas sociais, expansão do tráfico de drogas e ausência de perspectivas e oportunidades para os jovens.

Entendemos que os conflitos gerados pela disputa de territórios entre grupos criminosos armados, o uso da violência como forma de dominação e demonstração

---

<sup>20</sup> Cf. <https://www.sesp.mt.gov.br/-/brigas-por-motivo-futil-e-disputa-entre-criminosos-sao-maiores-causas-de-morte-em-mt>; <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/08/29/coletiva-policia-civil-chacina-bahia.ghtml>

de poder, além da resposta bélica das forças de segurança, alimentam as taxas de mortes violentas, tanto na capital quanto no interior da Bahia. O fenômeno de expansão dos grupos criminosos do Sul para o Nordeste, bem como a interiorização do mercado ilegal de drogas compõem o plano de fundo deste fenômeno, assim como as políticas conservadoras de segurança pública, especialmente da Bahia, que é a mais letal do Brasil. Enquanto permanecer a lógica de “guerra”, (leia-se massacre) nos bairros periféricos da capital e do interior do Estado, não lograremos êxito na solução do problema da violência e continuaremos gastando quantias exorbitantes, e de forma ineficaz, com a segurança e a saúde públicas.

Por fim, e, não menos importante, lembramos que tudo o que foi aqui discutido começou dentro dos muros de uma prisão. Enfrentar seriamente a questão prisional, é outro aspecto crucial a ser mencionado, pois é nela que os grupos criminosos surgem, são fortalecidos e legitimados. As funções de ordem e de controle nas instituições prisionais da Bahia estão, via de regra, concentradas nas mãos de lideranças de grupos criminosos. A territorialização dos pátios pelos grupos criminosos amplia seu poderio ao recrutar novos membros, bem como a sua capilaridade na sociedade extramuros, a cada novo membro que deixa a prisão. A grande maioria dos internos que são recrutados são os chamados ‘fariseus’ ou ‘couro de rato’, pessoas presas por delitos de menor ofensividade, pobres, sem visitas, e que se envolvem como forma de sobreviver ao ambiente hostil e vitimógeno das prisões (Almeida, 2011). A estratégia, que agora tem sido revista pelo Estado, de enviar líderes para as prisões federais resultou no fortalecimento das redes criminais e dividiu a Bahia e o país em dois bordões: Tudo 2 ou Tudo 3.

Não podemos concluir esta discussão sem apontar as estratégias de manejo e prevenção deste cenário, a partir de análises baseadas em evidências (Vasquez et al, 2018). É de fundamental importância aumentar os investimentos em políticas públicas que impactem na diminuição das discrepâncias sociais e ampliem as oportunidades para os jovens, assim como instituir novas políticas de armas e drogas, além de fortalecer as fronteiras. Ademais, o estado deve rever suas políticas de segurança, como por exemplos, a lógica de guerra que tem sido utilizada no combate à violência urbana e ao tráfico, assim como a produtividade paga aos policiais tendo como base prisões efetuadas, que só alimentam o sistema prisional e sustentam os grupos criminosos que arregimentam seus membros em suas celas e pátios. Promover a

credibilidade das instituições de segurança pública, valorizando os profissionais, investindo em *accountbaility* e transparência de forma a incrementar a sua legitimidade, especialmente perante a população que tem sido mais afetada pela violência estatal, são condições essenciais para alcançarmos níveis aceitáveis de violência urbana.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

ALMEIDA, Odilza L. **Sem lugar para correr nem se esconder**: um estudo de vitimização de internos no sistema penal baiano. Tese apresentada ao Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Saúde Pública, 2011.

ALMEIDA, Odilza L. e PAES-MACHADO, Eduardo. Processos Sociais de Vitimização Prisional. **Tempo Social**, 25(1), p. 257-286, 2013.

AMORIM, Carlos. CV\_PCC. **A Irmandade do Crime**: Rio de Janeiro: Record, 2006.

BARCELLOS, Caco e Z., Alba. Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro. **Revista de Saúde Pública** [online]. 2014, v. 48, n. 1 [Acessado 19 agosto 2023], pp. 94-102. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048004822>>. ISSN 1518-8787. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048004822>.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Betina W., & PIMENTA, Melissa de M.. (2022). 'Pra eles verem que nós somos ruim': Violência extrema no mercado de drogas no Rio Grande do Sul. **Dilemas**: Revista De Estudos De Conflito E Controle Social, 15(2), 455–482. <https://doi.org/10.4322/dilemas.v15n2.43206>

BEATO FILHO Cláudio C., ASSUNÇÃO, Renato M., SILVA, Bráulio F A, MARINHO, Frederico C, REIS Ilka A., Almeida, Maria Cristina M. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cad Saude Publica** 2001; 17(5):1163-1171.

BEATRICE, Filippo. Different uses of violence: Motives for Camorra murders. **Trends Organ Crim** (2017) 20:216–237

BOUCHARD, Martin. Collaboration and Boundaries in Organized Crime: A Network Perspective. **Crime and Justice**, v. 49, 2020.

BRIGHT, David A.; HUGHES, Caitlin E.; CHALMERS, Jenny. Illuminating Dark Networks: a Social network analysis of an Austrian drug trafficking syndicate. **Crime Law Soc Change**, v. 57, 151-176, 2012. DOI: 10.1007 / s10611-011-9336-z

CORDEIRO, Hilza. Novembro de sangue: mês tem ao menos 127 assassinatos. 07 dezembro 2020. **Correio**. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/salvador/novembro-de-sangue-mes--tem-ao-menos-127-assassinatos-1220>

\_\_\_\_\_. **'Medo de andar dentro de casa', diz moradora da Graça que teve apartamento atingido por bala perdida**. 04 setembro 2023. Disponível em

<https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/medo-de-andar-dentro-de-casa-diz-moradora-da-graca-que-teve-apartamento-atingido-por-bala-perdida-0923>

COUTO, Vinicius A. e BEATO FILHO, Cláudio. Milícias: o crime organizado por meio de uma análise das redes sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, v07, n. 17. P. 201-221, 2019.

DIAS, Camila Caldeira N. PCC: **Hegemonia nas prisões e monopólio da violência**. São Paulo: Saraiva, 2013

DUARTE, Thais Lemos. Facções criminais e milícias: aproximações e distanciamentos propostos pela literatura. BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 90, p. 1-16, 2019.

FAUST, Katherine; TITA, George E. Social Networks and Crime: Pitfalls and Promises for Advancing the Field. **Annual Rev. Criminol.** 2, 99-122, 2019

FONSECA, Luís Antônio N. **O centro de ressignificação da pessoa em privação de liberdade**: uma proposta para o sistema prisional da Bahia a partir da individualização da pena. Dissertação apresentada no Programa de Segurança, Justiça e Cidadania (UFBA), 2021.

FLUSBERG, Stephen J, MATLOCK, Teenie & THIBODEAU, Paul H. War metaphors in public discourse, *Metaphor and Symbol*, 33:1, 1-18, 2018.

FIELDING, Nigel G. The shaping of covert social networks: isolating the effects of secrecy. **Trends Organ Crim** (2017) 20:16–30

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 18/08/2023

GIDDENS, Anthony. **The Constitution of Society**. Cambridge: Polity Press, 2003.

INFORME BAHIANO. Fundador da facção OP, “Coruja” é morto pelo Comando Vermelho em comunidade do Rio. 14 agosto 2020. Disponível em <https://informebaiano.com.br/174169/policia/fundador-da-facciao-op-coruja-e-morto-pelo-comando-vermelho-em-comunidade-do-rio>

KILSZTAJN, Samuel, ROSSBACH, Anaclaudia, CARMO, Manuela Santos N., SUGAHARA Gustavo Toshiaki L., SOUZA Leandro B. Vítimas fatais da violência e mercado de drogas na Região Metropolitana de São Paulo. **Rev Bras Est Pop** 2003; 20(2):259-279

KLEEMANS, Edward R. Theoretical Perspectives on Organized Crime in PAOLI, Letizia. **The Oxford Handbook Of Organized Crime**. Oxford University Press, 2014

KREAGER, Derek A.; SCHAEFER, David R.; BOUCHARD, Martin; HAYNIE, Dana; WAKEFIELD, Sara; YOUNG, Jacob; ZAJAC, Gary. Toward a Criminology of Inmate Networks. **Justice Quarterly**, 2015. DOI: 10.1080 / 07418825.2015.1016090

LEITE, Márcia P. “Entre a ‘guerra’ e a ‘paz’: Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Vol. 7, no 4, pp. 625-642, 2014.

LESSING, Benjamin. As facções cariocas em perspectiva comparativa. **Novos Estudos – Cebrap**, nº 80, 2008

- LOURENÇO, Luiz Cláudio e ALMEIDA, Odilza L. Quem mantém a ordem, quem cria a desordem: gangues prisionais na Bahia. **Tempo Social**, 25(1), 2013.
- MACDONALD, John. **Measuring Crime and Criminality**. New York: Routledge, 2017
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio (2004), Sociabilidade violenta: Por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Vol. 19, no 1, pp. 53-84.
- MALM, Aili and BICHLER, Gisela. Networks of Collaborating Criminals: Assessing the Structural Vulnerability of Drug Markets. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, 48(2) 271-297, 2011.
- MALTZ, Michael D. On Defining "Organized Crime": The Development of a Definition and a Typology. **Crime & Delinquency**, 1976.
- MCILLWAIN, Jeffrey S. Organized crime: A social network approach. **Crime, Law & Social Change** 32: 301–323, 1999.
- MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, vol. 21, nº 61, 2007.
- MORSELLI, Carlo and GIGUERE, Cynthia. Legitimate strengths in criminal networks. **Crime, Law & Social Change** (2006) 45: 185–200
- MORSELLI, Carlo. **Crime and networks: criminology and justice studies**. Abingdon: Routledge, 1 ed., 2013
- MORSELLI, Carlo. **Inside Criminal Networks**. New York: Springer, 2009.
- OLIVEIRA, Adriano e ZAVERUCHA, Jorge. A dinâmica da criminalidade organizada no Brasil a partir das operações da Polícia Federal: Origem, atores e escolha institucional. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** -Vol. 5 - no 3 - JUL/AGO/SET 2012 - pp. 423-446
- OLIVEIRA, Ivete Maria S. **Um mundo em pedaços: um estudo sobre os significados e usos da violência nos mercados de drogas**. Tese apresentada no Programa de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, 2012.
- PAPACHRISTOS, Andrew V. The network structure of crime. **Sociology Compass**, v. 8, 347-357, 2014
- PITOMBO, João Pedro. Jequié, cidade mais violenta, tem 'zona de guerra' na periferia e mães unidas pelo luto. **Folha UOL**. 23 julho 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/jequie-cidade-mais-violenta-tem-zona-de-guerra-na-periferia-e-maes-unidas-pelo-luto.shtml>
- PORTELLA, Daniel Deivson A. et al. Homicídios dolosos, tráfico de drogas e indicadores sociais em Salvador, Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2019, v. 24, n. 2 [Acessado 19 Agosto 2023] , pp. 631-639. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.32412016>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.32412016>.
- PORTO, Roberto. **Crime Organizado e Sistema Prisional**. Sao Paulo: Atlas, 2007
- REUTER, Peter. **Drug Markets and Organized Crime**. Oxford Handbook Online, 2013
- REUTER, Peter. Systemic violence in drug markets. **Crime Law Soc Change**. Springer Since, 2009.

ROSAS REIS, Ronaldo; LOPES SILVA, Luiz. Eduardo. Guerra de facções e estética do terror: Elementos de uma pedagogia da barbárie. **Entropia**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 40–57, 2023. DOI: 10.52765/entropia.v7i13.454. Disponível em: <https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/454>. Acesso em: 19 ago. 2023.

SERAPIÃO, Fabio. Facção ligada ao PCC transformou ilha na Bahia em bunker, diz PF. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 mai, 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/05/facciao-ligada-ao-pcc-transformou-ilha-na-bahia-em-bunker-diz-pf.shtml>

SILVA, Phillip César A. **A interiorização da violência: a dinâmica dos homicídios no Brasil (2004-2015)**. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas, Universidade Federal da Paraíba, 2018.

SMITH, Chris M. and PAPACHRISTOS, Andrew V. Trust Thy Crooked Neighbor: Multiplexity in Chicago Organized Crime Networks. **American Sociological Review**, 81(4), 2016, p. 644-667.

SOUZA, Marcelo L. Redes e sistemas do tráfico de drogas no rio de janeiro: uma tentativa de modelagem. **Anuário do Instituto de Geociências** - Y.19 – 1996

TABÔAS, Madona L. G. **As organizações criminosas e sua rede de relacionamento: um estudo sobre os presos custodiados na penitenciária federal em Brasília**. Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Administração Pública (MPA) da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas (FACE) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito à obtenção do título de Mestre em Administração Pública. Brasília, 2022.

VASQUEZ, Juan Carlos R. **Seguridad Ciudadana como Política Pública**. BID, NY, 2018.

VON LAMPE, Klaus. The Use of Models in the Study of Organized Crime. Paper presented at the conference of the **European Consortium for Political Research (ECPR)**, 2003.

WENDELL, Bruno. Polícia apreende fuzis e outras armas do BDM que seriam usadas contra rivais. **Correio**. 24.fevereiro 2022. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/salvador/policia-apreende-fuzis-e-outras-armas-do-bdm-que-seriam-usadas-contra-rivais---0222>

\_\_\_\_\_. Comando Vermelho e PCC disputam venda de drogas na Bahia; Seap está 'em alerta'. **Correio**. 27 outubro 2016. **Correio**. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/bahia/comando-vermelho-e-pcc-disputam-venda-de-drogas-na-bahia-seap-esta-em-alerta-1016>

\_\_\_\_\_. Comando Vermelho disputa comércio de drogas e armas com PCC na Bahia. **Correio**. 22 novembro 2016. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/bahia/comando-vermelho-disputa-comercio-de-drogas-e-armas-com-pcc-na-bahia-1116>

\_\_\_\_\_. Comando Vermelho se estabelece na Bahia a partir de aliança com o CP. **Correio**. 25 setembro 2020. Disponível em

<https://www.correio24horas.com.br/salvador/comando-vermelho-se-estabelece-na-bahia-a-partir-de-alianca-com-o-cp-0920>

\_\_\_\_\_. Rebelião foi planejada por facção temendo expansão de grupo rival na Lemos Brito. **Correio**. 21 fevereiro 2022. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/salvador/rebeliao-foi-planejada-por-facciao-temendo-expansao-de-grupo-rival-na-lemos-brito-0222>

\_\_\_\_\_. Rival do Comando Vermelho, facção carioca chega à Bahia e faz aliança com o BDM. **Correio**. 28 agosto 2023. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/rival-do-comando-vermelho-facciao-carioca-faz-alianca-com-o-bdm-e-chega-a-bahia-0823>

\_\_\_\_\_. Depois do Recôncavo, facção rival do Comando Vermelho invade bairros de Jacobina, na Bahia. **Correio**. 09 setembro 2023. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/colunistas/in-seguranca/depois-do-reconcavo-facciao-rival-do-comando-vermelho-invade-bairros-de-jacobina-na-bahia-0923>

WILLIS, Graham D. **The Killing Consensus**: Police, Organized Crime, and the Regulation of Life and Death in Urban Brazil. Oakland: University of California Press, 2015.

ZILLI, Luís Felipe. O “mundo do crime” e a “lei da favela”: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. **Etnográfica**, outubro de 2015, 19 (3): 463-487